

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA

'Pequeno Monstro', com Slvero Pereira, de volta ao Rio

PÁGINA 3



Novo álbum redefine carreira de Luciana Dom

PÁGINA 4



'O Último Azul' é destaque no Festival do Cairo

PÁGINA 7



Inaugurado em 1878 no auge do Ciclo da Borracha, o Theatro da Paz, de Belém, tem a arquitetura inspirada no Scala de Milão

COP30 injeta cultura nas veias da Amazônia

O histórico Theatro da Paz será o epicentro artístico de Belém durante a cúpula ambiental com estreia de ópera e shows de música popular e mostra cinematográfica

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Imponente edifício de estilo neoclássico, o Theatro da Paz tornou-se símbolo do ciclo da borracha que, nos anos 1800, tanto contribuiu para o desenvolvimento econômico da região amazônica, onde fica Belém. Passados dois séculos, a casa lírica, circundada pela vida citadina, quer incentivar outra relação da humanidade com a natureza, além do extrativismo. Durante a COP30, vai abrigar a estreia mundial de “I-Juca Pirama”, ópera de Gilberto Gil, Paulo Coelho e Aldo Brizzi, inspirada no poema de Gonçalves Dias, homenageado com um busto logo no foyer do teatro. Também será palco de shows de música popular brasileira, espelhando o frenesi cultural que já toma conta das ruas da capital paraense, com mostras de cinema e de artes plásticas. **Continua na página seguinte**

Ações visam alertar o mundo sobre impacto das mudanças climáticas

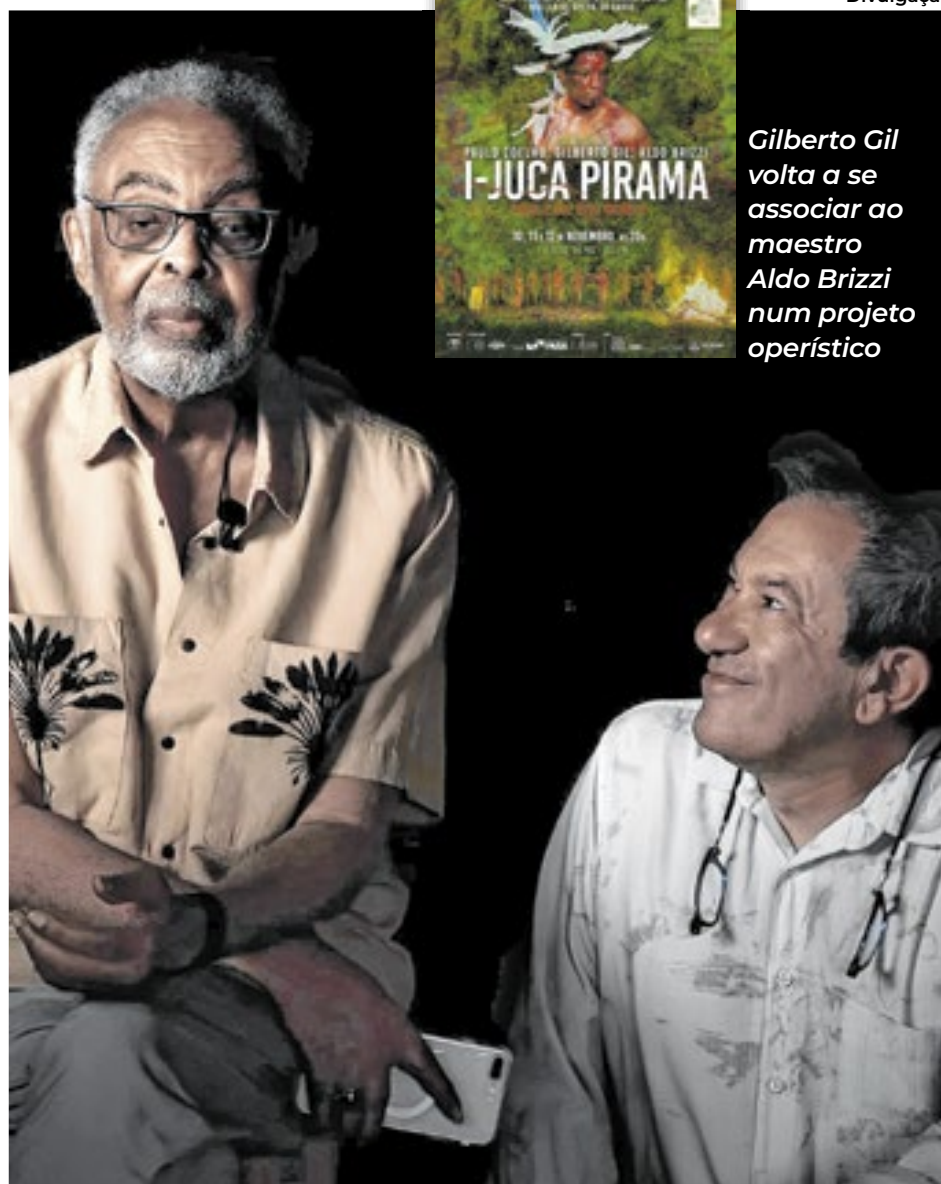
Essas iniciativas integram um movimento mais abrangente, que tem o objetivo de chamar a atenção dos participantes da conferência para as mudanças climáticas. “O que nos interessa é mostrar que os portugueses chegaram aqui, destruíram tudo e, depois de tanto tempo, as florestas ainda pegam fogo”, diz Brizzi, maestro italiano, radicado na Bahia.

Ele conta que Coelho propôs o tema da ópera e passou a escrever o libreto. Depois, Gil compôs a música. O maestro participou de todo o processo criativo, elaborando inclusive a encenação. É curioso pensar que Gil, compositor popular dedicado à ourivesaria da canção, tenha se virado a outros gêneros musicais, seis décadas depois de ter começado a sua carreira.

A rigor, é um movimento iniciado há três anos, quando apresentou, em Paris, “Amor Azul”, sua primeira ópera com Brizzi, inspirada em poemas do hinduísmo. Naquela época, o compositor justificou seu aceno à música clássica pelo desejo de trabalhar com árias, o que só evidenciou as diversas matrizes que compõem a sua musicalidade.

O maestro afirma que em termos de função dramática há uma evolução de “Amor Azul” para “I-Juca Pirama”. A ideia, antes, diz Brizzi, era fazer uma ópera com DNA da MPB. Não por acaso, a primeira obra mais parecia um ciclo de canções, até por não ter sido apresentada ao público com uma encenação. A nova ópera conta a história do guerreiro I-Juca Pirama, interpretado pelo tenor Jean William, que tem a terra devastada e erra pelos territórios à procura de um sentido existencial.

Capturado pelos timbiras, é condenado ao rito antropófago. Na ópera, a ação se desenrola em duas eras: a antiga, da criação de Gonçalves Dias, e a moderna, quando o desmatamento e as queimadas fazem o herói reviver sua jornada. A entidade Espírito da Terra, papel da soprano Graça Reis, faz a mediação entre as duas temporalidades e narra o destino de I-Juca Pirama.



Divulgação

Gilberto Gil volta a se associar ao maestro Aldo Brizzi num projeto operístico

Participam da montagem, além da Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz regida por Brizzi, o Grupo Indígena do Povo Huni Kuin, do Acre, o Coro Carlos Gomes, de Be-

lém, e o Grupo Vocal Lírico-Popular do Núcleo de Ópera da Bahia.

Um dos símbolos do indianismo romântico, o poema carregava uma visão idealizada

das populações originárias, o que tenta ser subvertido agora, com a presença indígena em cena e na música. Brizzi diz que o violão de Gil, de onde surgiu a música da ópera, tem aquele pulsar da monofonia ameríndia. “Esse violão tem uma hipnose rítmica, e a orquestra é uma explosão do instrumento dele”, afirma.

“I-Juca Pirama” integra a 24ª edição do Festival de Ópera do Theatro da Paz, em um momento de debates sobre a descentralização de produções do gênero, além do sudeste. “Eu espero que a COP30 lembre o Brasil que nós existimos”, afirma Nandressa Nuñez, diretora de produção do festival. “O Theatro da Paz foi erguido antes mesmo do Municipal de São Paulo e do Rio de Janeiro.”

Nas semanas da COP30, a casa receberá também shows de MPB, com as apresentações de Ney Matogrosso e Lenine, que buscam arrecadar fundos para o Pantanal. Já Fafá de Belém traz o espetáculo “Amazônica”, também beneficente, com canções de autores paraenses. Em paralelo à cúpula, Belém vive um frenesi, com uma série de eventos culturais.

Nas artes visuais, os destaques são as mostras “Amazônia”, com quase duas centenas de fotografias de Sebastião Salgado, expostas no recém-inaugurado Museu das Amazônia, e “Espíritos da Floresta”, do Movimento dos Artistas Huni Kuin (MAHKU), na Caixa Cultural, que também ganhou uma sede na capital paraense às vésperas da COP. A valorização da arte e do saber ancestral dos povos indígenas é uma tendência que perpassa a produção cultural da atualidade. Em especial, essa tendência é sentida nas mostras de cinema em cartaz em Belém.

Comemorando duas décadas de existência, a Mostra de Cinema da Amazônia exibirá “A Queda do Céu”, filme de Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha, inspirado no livro do líder yanomami Davi Kopenawa e do antropólogo francês Bruce Albert. A programação tem ainda o novo documentário de João Moreira Salles, “Minha Terra Estrangeira”.

“Nossa ideia é formar público e levar cinema a quem tem pouco acesso”, diz Eduardo Souza, organizador do festival, que ocorre em quatro salas. Em paralelo, Belém recebe a 2ª edição da Mostra Pan-Amazônica de Cinema, com 13 curtas e 8 longas, além de conferências sobre a sétima arte.

Entre as atrações, estão o curta “Boiuna”, de Adriana de Faria, que arrematou três Kikitos no Festival de Gramado deste ano, e o longa “Não Haverá Mais História Sem Nós”, de Priscila Brasil. “De todas as mostras que estão ocorrendo durante a COP, essa é a única seleção que está privilegiando realizadores da Amazônia, e não temas da Amazônia”, afirma o curador Gustavo Soranz.

Feridas abertas da homofobia

Silvero Pereira retorna aos palcos com monólogo que investiga machismo e homofobia através de memórias da própria infância

Nesta segunda (10) Silvero Pereira retorna ao Rio com o monólogo “Pequeno Monstro”, texto que marca sua volta aos palcos. O espetáculo integra a programação do Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias, maratona que celebra os 60 anos do tradicional teatro da Praça Cardeal Arcoverde com uma cuidadosa curadoria que reflete a diversidade da cena teatral brasileira.

A trajetória da peça começou há sete anos, quando Silvero identificou semelhanças entre histórias de crianças LGBTQIAPN+ e episódios vividos em sua própria infância. Após longa pesquisa, ele retornou à sala de ensaio — depois de 12 anos da criação de seu último trabalho para o teatro — para iniciar o processo de criação em parceria com a diretora Andreia Pires, colega de faculdade nos anos 2000 em Fortaleza. O resultado é uma montagem que embaralha referências literárias e musicais com matérias jornalísticas e memórias pessoais, transitando entre recordações da infância no interior do Ceará e uma juventude turbulenta.



Tainá Cavalcante/Divulgação

A drAmaturgia de ‘Pequeno Monstro’ embaralha referências literárias, musicais e jornalísticas para denunciar violências estruturais contra a população LGBTQIAPN+

Em cena, o ator constrói narrativa que busca compreender sua jornada pessoal através de conversas com integrantes de sua família e de outras histórias ouvidas ao longo da pesquisa. A estrutura dramática revela-se como um mosaico em que vivências relacionadas à sexualidade e gênero ganham dimensão maior através da ironia e da denúncia de práticas normalizadas socialmente.

Machismo estrutural e homofobia aparecem na montagem como temas abstratos, mas como violências concretas que traumatizam e condenam destinos. “Uso minha história como ponta de um iceberg, e me coloco como escudo para outras histórias aqui relatadas”, explica Silvero. “Essa fragmentação de histórias pessoais, ficcionais e de terceiros serve justamente para en-

fatizar que não se trata de exceção, de classe ou de um lugar, é um problema social grave e que precisa de ações efetivas.”

O espetáculo inclui números musicais, entre os quais a canção “Fera Ferida”, de Roberto e Erasmo Carlos, numa ponte entre a narrativa dramática e experiências emocionais mais diretas. Sua escolha oferece ritmo ao texto, pausa narrativa que permite ao público processar emoções e reflexões suscitadas pelos depoimentos e histórias encenadas.

“Pequeno Monstro” marca retorno de Silvero ao teatro desde a estreia de “BR Trans”, em 2012. Nos 12 anos que se seguiram, o ator foi catapultado para o sucesso em projetos audiovisuais que incluem participações em novelas de grande alcance como “A Força do Querer”

(2015) e “Pantanal” (2022); nos filme “Bacurau” (2019), de Kleber Mendonça Filho, e “O Maníaco do Parque” (2024), de Mauício Eça; e em programas como o The Masked Singer Brasil, que venceu recentemente. Ainda em 2024, apresentou show musical dedicado à obra de Belchior.

“Voltei ao teatro um tanto preocupado se ainda me sentia um ator de teatro. Sou formado em artes cênicas e com 25 anos de carreira dedicados aos palcos, mas por conta da demanda audiovisual me senti um tanto enferrujado e com a certeza de que nenhum ofício se vale pelo talento, mas sim pelo estudo e dedicação. Foi necessário recusar novos trabalhos no audiovisual para uma dedicação quase que totalmente exclusiva a ‘Pequeno Monstro’, refazer treinos de corpo,

voz e imaginação para construir um processo criativo que muito exigia de mim como ator, autor e artista”, disse o ator na ocasião da estreia de “Pequeno Monstro”.

A diretora Andreia Pires enfatiza a qualidade desse retorno. “No processo de criação, foi bonito ver o corpo do Silvero na sala de ensaio porque ele é um ator que potencializa tudo que já está ali no corpo dele. Ele já tinha uma dramaturgia erguida, organizada ali num texto escrito, mas isso foi se moldando e se modificando. Eu estou ali com o Silvero no trabalho dele. É como se eu estivesse entrando numa casa que não é minha, mas eu fui entrando e fui me sentindo em casa”, destaca a encenadora.

Recordes trágicos

O Brasil acumula recordes trágicos de assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+, uma trágica estatística que reflete estrutura social historicamente marcada pela violência. “Estamos mais violentos, mas isso não se localiza somente neste tempo do agora, é mais profundo, se trata de um país historicamente violento desde sempre e que precisa de atenção, denúncia e busca por soluções”, observa Silvero.

O espetáculo assume posicionamento sem cair em didatismo. O ator diferencia claramente entre obra artística e manifesto político. “Estamos fazendo uma peça de teatro, uma obra artística, não necessariamente um manifesto. Nossa função, como artistas, é trazer o tema com seriedade e a responsabilidade que ele exige, mas também atentar ao potencial estético e narrativo que servirão como alegorias para que a aproximação com o público ocorra dentro da liturgia do teatro”, afirma. Essa distinção é fundamental para compreender como “Pequeno Monstro” consegue ser simultaneamente politicamente empenhado e esteticamente refinado.

SERVIÇO

PEQUENO MONSTRO

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)

10/11, às 20h

Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

CORREIO CULTURAL

Ludom canta
**vulnerabilidade
e resistência**

Cantora e historiadora lança segundo disco sete anos após estreia, reunindo 11 faixas que misturam MPB, afro-jazz e pop em reflexão sobre trajetórias pessoais e coletivas

Divulgação

Por Affonso Nunes

Sete anos separam “Liberte Esse Banzo”, de 2018, do novo trabalho que a cantora, compositora e historiadora Ludom disponibilizou nas plataformas digitais no início deste mês. O álbum homônimo, lançado pelo selo Toca Discos com distribuição da Universal Music Brasil, marca uma transformação tanto no nome artístico da musicista – anteriormente conhecida como Luciane Dom – quanto na abordagem sonora e temática de sua obra. Natural de Paraíba do Sul e radicada no Rio, a artista formada em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) sempre entrelaçou sua formação acadêmica com a criação musical, explorando questões de ancestralidade, feminilidade e identidade.

Com 11 faixas que transitam entre MPB, hip-hop, gospel e afro-jazz, “Ludom” condensa as experiências acumuladas pela artista ao longo da última década, período em que realizou turnês no Brasil, Canadá, Chile, Colômbia e Estados Unidos. A produção musical coletiva, assinada por Felipe Rodarte, Davidson Ilarindo, Rodrigo Ferreira e Theo Zagrae, contou com direção artística de Constança Scofield e participação especial de Bia Ferreira na faixa “As Coisas São”.

O álbum explora temas como término de relacionamentos, esgotamento mental, questões existenciais e injustiças sociais, construindo uma narrativa que oscila entre o



Cantora assume nova identidade artística neste trabalho

Divulgação



individual e o coletivo. “Esse disco nasceu num momento de grande transição. Fui lidando com o fim de alguns ciclos e aprendendo a ser mais franca comigo mesma, a abraçar tanto as minhas fraquezas quanto as minhas potências. Tudo faz parte”, disse a cantora ao site da Universal Music.

Antes do lançamento completo, Ludom apresentou dois singles. “Toda Intensa”, divulgada em agosto, mergulha na vulnerabilidade do amor e no medo que acompanha a entrega afetiva. A gravação teve início no Canadá, quando a cantora improvisou ao piano e o produtor Simbo sugeriu o uso do recurso de reverse. Já “Calôbaixô”, lançada em setembro, traz uma atmosfera sensual de R&B e dialoga com o universo noturno e os encontros que habitam a madrugada.

“Falar sobre vulnerabilidade, pra mim, é também uma forma de resistir. Ainda esperam da mulher negra uma força quase inumana, que em muitos momentos já nem me parece saudável”, desabafa a artista.

Warner Bros



Os endiabrados gremlins têm data para voltar

‘Gremlins’ terá novo filme com previsão de estreia em 2027

A franquia “Gremlins” vai ter novo filme. O longa deve chegar aos cinemas no fim de 2027. O anúncio foi feito pela Warner Bros. Com produção executiva de Steven Spielberg, “Gremlins 3” será dirigido por Chris Columbus, que ajudou a escrever o roteiro do primeiro filme. Ainda não foram divulgados nomes do elenco.

Lançado em 1984, o longa original é uma comédia de terror. Um menino ganha de presente um ursinho de pelúcia cujo manual diz que o brinquedo não deve ser exposto à luz e à água. As instruções são ignoradas e o bichinho se multiplica, dando origem a bestas ferozes. O filme arrecadou US\$ 212 milhões em todo o mundo.

Natal no Sesc

O Sesc RJ levará a magia natalina para 44 localidades do estado. O projeto, cujo tema este ano é “Vem viver + encontros”, promete transformar espaços públicos em cenários iluminados e repletos de atividades gratuitas para toda a família.

Natal no Sesc II

A abertura oficial da programação será nesta terça-feira (11) no Centro Cultural Sesc Quitandinha, em Petrópolis, com destaque para o acendimento da árvore de Natal de 30 metros que está sendo montada no entorno do lago.

Reflexões

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, um dos mais influentes pensadores brasileiros, lança “Os Involuntários da Pátria: Ensaios de Antropologia II”, segundo volume da coletânea que começou com “A Floresta de Cristal” (2024).

Reflexões II

O livro reúne textos escritos entre 2002 e 2025, marcados por uma reflexão crítica sobre o pensamento ocidental, o colapso ecológico e as cosmologias indígenas. Muitos dos ensaios foram originalmente apresentados em congressos e colóquios.

Um sonho em Abbey Road

Front se reúne com Ricardo Bacelar e Christiaan Oyens no lendário estúdio londrino em álbum que mescla rock e brasilidade

Por Affonso Nunes

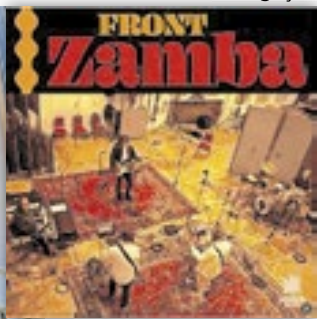
Todo músico brasileiro sonhou, ao menos uma vez, gravar no Abbey Road. Para o trio Front, formado por Rodrigo Santos, Nani Dias e Ricardo Palmeira, esse desejo tornou-se realidade com o álbum “Zamba”, já nas plataformas digitais. A gravação no estúdio londrino é mais um capítulo na trajetória internacional do grupo, que já gravou em outros importantes

estúdios fora do Brasil.

A gravação reuniu, além dos três integrantes do Front, Ricardo Bacelar (teclados e percussão) e Christiaan Oyens (bateria). “Neste time há integrantes de bandas como Barão Vermelho e Hanoi Hanoi, que também tocaram com Léo Jaime, Lobão, Kid Abelha e Cazuzza, entre outros artistas. Nos reunimos em Londres para gravar esse projeto, que tem uma linguagem de rock misturada ao pop, com uma pegada de música brasileira”, conta Bacelar, que também lança o disco por seu selo Jasmin Music.

O estúdio onde Beatles, Pink Floyd, Radiohead e Adele deixaram suas marcas exerceu forte impacto sobre os músicos. “Gravar em Abbey Road é como jogar no Maracanã, ou em Wembley! O estúdio respira Beatles, Pink Floyd, e milhares de outras gravações históricas. Era uma ideia ousada de fazer

Austin Long/Divulgação



Divulgação

Ricardo Palmeira, Ricardo Bacelar, Rodrigo Santos e Nani Dias na entrada do icônico Abbey Road Studio, onde gravaram o álbum ‘Zamba’

um álbum diferente, exatamente para mostrar o que temos de vivência na música brasileira. Uma mistura de tudo, saindo da obviedade”, explica Rodrigo Santos.

O conceito do disco surgiu antes mesmo da definição do repertório. “Antes de definirmos o repertório veio o conceito de gravarmos um álbum brasileiro, levando o som do Front para nossas raízes

musicais, buscando uma sonoridade diferente. Algumas músicas já existiam, mas a grande maioria do repertório é de canções inéditas compostas para o álbum”, explica Nani Dias.

Para Christiaan Oyens, baterista que trabalhou com Zélia Duncan e vive atualmente em Londres, foi a segunda experiência no estúdio: “Só de pensar que era o

mesmo espaço onde os Fab Four e o Pink Floyd elaboraram todos os arranjos, me deixou novamente arrepiado, como na primeira vez”.

Além das sessões de estúdio, o quinteto realizou apresentações ao vivo em Londres e no Cavern Club, em Liverpool, casa que marcou a história dos Beatles. O álbum conta ainda com participação especial de Roberto Menescal na faixa “Anna”.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

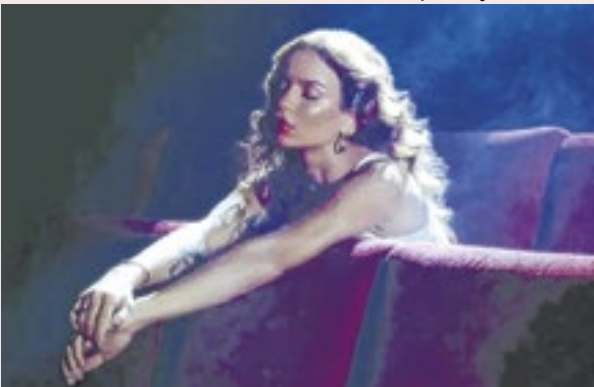
Nova safra de canções

A Kings of Leon lançou o EP “#2”, seu primeiro trabalho independente após 20 anos. O material traz quatro faixas autoproduzidas pela banda de Nashville (EUA) com distribuição Virgin Music Group através da Love Tap Records, gravadora própria do grupo. As músicas “All The Little Sheep”, “To Space”, “Pit To The Rind” e “The Wolf” marcam uma nova fase artística do grupo formado por músicos da mesma família: os irmãos Caleb (vocal e guitarra), Nathan (bateria) e Jared Followill (baixo) e o primo deles, Matthew (guitarra).

Divulgação



Reprodução / Twitter



Versão orquestral

A cantora e compositora Carol Biazin acaba de disponibilizar nas plataformas digitais uma versão orquestrada da canção “AMARESO”, faixa do álbum duplo “No Escuro, Quem É Você?”. A nova interpretação apresenta arranjos com cordas e piano, bastante diferentes da versão original. A canção original da artista paraense acumula cerca de 4 milhões de reproduções somente no Spotify. O álbum que inclui a canção está entre os indicados ao Latin Grammy 2025, na categoria de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira.

Divulgação



Em parceria

O tenor italiano Andrea Bocelli acaba de lançar uma versão inédita da canção “The Blessing” em parceria com os cantores Kari Jobe e Cody Carnes. A gravação traz letra em italiano e é distribuída pela Decca e Capitol Christian Music Group. Bocelli, que tem apresentações marcadas no Brasil, realizou recentemente dois shows para o Papa Leão XIV, sendo um ao lado do filho Matteo e outro com a cantora Karol G. A música original, lançada em 2020 pelo casal Jobe e Carnes, tornou-se fenômeno viral com mais de 500 milhões de streams.



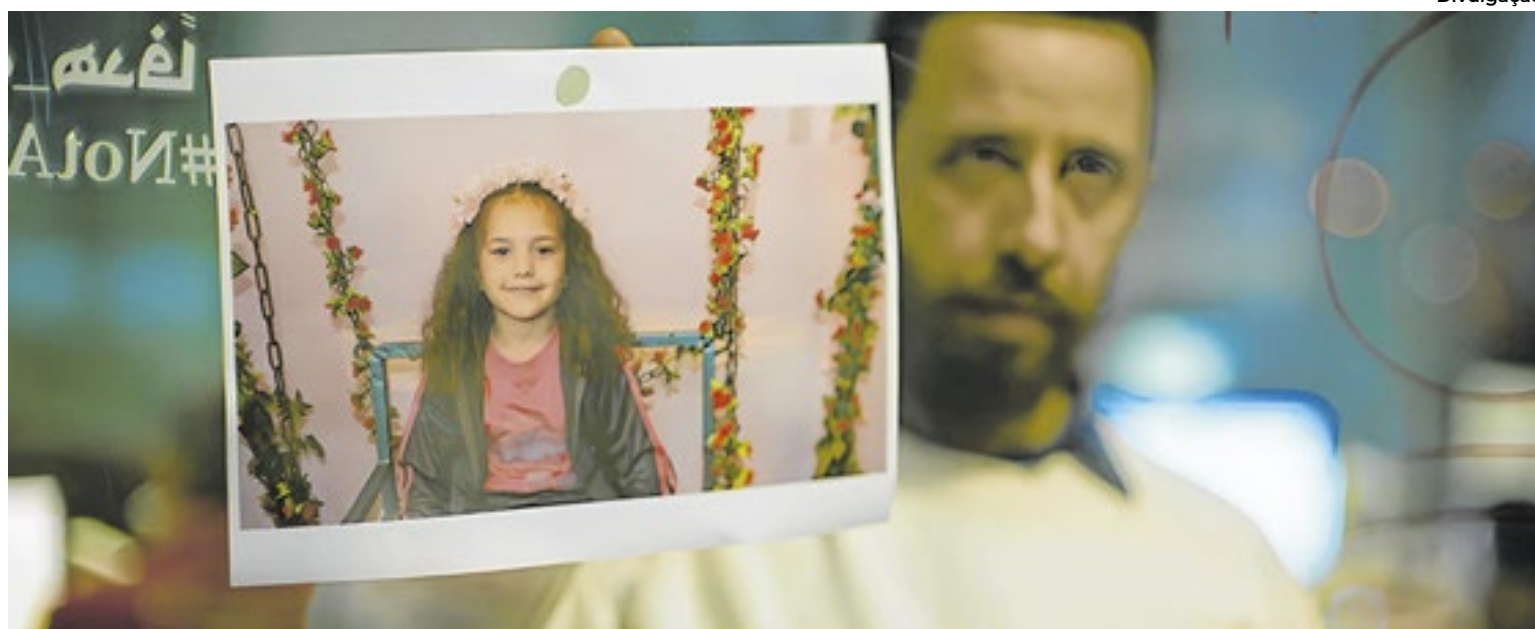
Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ponto de conexão (e de fricção, pelo uso do árabe como língua) entre a África e o Oriente Médio, o Egito serve de sede a um dos últimos festivais dedicados à diversidade audiovisual de 2025, que começa nesta quarta e segue até o dia 21 de novembro com longas perfumados com cheiro de Oscar em seu programa oficial, organizado sob a direção artística do curador Mohamed Tarek. Seu título de maior apelo é “A Voz De Hind Rajab”, de Kaouther Ben Hania, da Tunísia, que se impõe como possível concorrente às estatuetas douradas de Hollywood. A sessão dele será fora da mostra competitiva oficial, na qual brigam atuais quindins da crítica como “Calle Málaga”, do Marrocos, e “The Things You Kill”, da Turquia.

Apesar da torcida por “O Agente Secreto”, as maiores chances de Oscar para um filme de língua não inglesa de 2026 parecem estar com a saga de Hindi Rajab, filmada pela cineasta responsável por “As 4 Filhas de Olfa”. A partir do áudio original de uma menina palestina que ficou num tiroteio na Faixa de Gaza, em janeiro de 2024, a diretora reconstituiu a luta de um grupo de voluntários para tentar resgatá-la. A produção ganhou o Grande Prêmio do Júri em Veneza e o Troféu Cidade de Donostia em San Sebastián.

A boa do Brasil para o Cairo é “O Último Azul”, dirigido por Gabriel Mascaro, que passa fora de concurso na pátria outrora comandada por Quéops, Quéfren e Miquerinos, os maiores construtores de pirâmides consagrados por livros de História. O longa foi laureado com Grande Prêmio do Júri da Berlinale, em fevereiro. A



Hind Rajab

Pela glória dos faraós

Mais tradicional mostra competitiva do mundo árabe, o Festival do Cairo, referência no debate da estética audiovisual há 45 anos, exhibe potenciais concorrentes ao Oscar e candidatos a cult

Divulgação



Rosemead

produção ganhou ainda a láurea do Júri Ecumênico de Berlim e o Prêmio dos Leitores do Berliner Morgenpost. Essa belíssima distopia contra o etarismo segue os passos de Tereza (Denise Weinberg, em atuação estonteante),

funcionária septuagenária de um curtime de jacarés, em terreno amazônico, que é forçada a migrar para um campo de concentração para cabeças grisalhas. A recusa de ser isolada num retiro obrigatório, imposto pelo governo a quem tem

Guillermo Garza/Divulgação



O Último Azul

70+, faz com que ela engate numa jornada rio acima. Tereza conta com a ajuda de barqueiro de coração quebrado (Rodrigo Santoro) para cruzar a geografia amazonense, ouvindo dele segredos sobre o caracol da baba azul, um visco que

abre portas da percepção.

Alçada à condição de estrela na versão do seriado “As Panteiras” para a telona, em 2000, e eternizada como vilã ao som de “Don’t Let Me Be Misunderstood” em “Kill Bill: Volume 1” (2003), Lucy Liu vai dar um passo além na carreira neste Festival do Cairo, à frente de uma produção com cheiro de Oscar: “Rosemead”. Ela passou por Tribeca (NY) e por Locarno, na Suíça, com essa joia. Situado no coração do San Gabriel Valley, com base numa história real, o filme é a saga de uma imigrante chinesa com doença terminal que descobre a perturbadora fixação de seu filho adolescente por tiroteios em massa. À medida que sua saúde se deteriora, ela toma medidas cada vez mais desesperadas - e moralmente complexas - para protegê-lo e enfrentar as trevas que o atraem. O enredo é perfumado de polêmica.

Uma das atrações mais esperadas do Festival do Cairo é a seção Horizontes do Cinema Árabe que, esse ano, traz nove filmes em sua competição. Brigam por prêmios: “Pasha’s Girls” (Egito); “Round 13” (Tunísia); “Azza” (Arábia Saudita); “Flana” (Irã); “Goundafa, The Cursed Song” (Marrocos); “Dead Dog” (Líbano); “Complaint No. 713317” (Egito); “Looking for Aida” (Tunísia); e “Anti Cinema” (Arábia Saudita).

Uma heroína da esperança

Canal Brasil renova seus votos com as pautas mais urgentes do país ao exibir 'Paloma', que discute transfobia à luz de uma protagonista queer

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Desde sua inauguração, em 1998, a vocação essencial do Canal Brasil é servir de plataforma para invenções de nosso audiovisual, com a coragem de comprar as brigas geopolíticas que mobilizam nossa arte. Sem medo da desmobilização da TV a cabo, a emissora faz jus a seu compromisso de gênese ao transmitir um diamante como "Paloma" nesta segunda-feira, às 23h. A produção dirigida por Marcelo Gomes venceu o Festival do Rio 2022. Ela ganha agora um novo lar.

Comovente crônica da afirmação identitária das populações trans no país, ambientada no agreste de Pernambuco e avessa ao preconceito, "Paloma" levou o cinema nacional para a Alemanha, na grade do Festival Internacional de Munique, atraindo novos holofotes para Gomes. Em 2005, ele brilhou nas telas

da Mostra Un Certain Regard de Cannes com "Cinema, Aspirinas e Urubus"; quatro anos depois, passou por Veneza com "Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo", codirigido pelo cearense Karim Aïnouz; em 2017, concorreu ao Urso de Ouro da Berlinale com o quase épico "Joaquim". Este ano, esteve em San Sebastián com "Dolores" (codirigido por Maria Clara Escobar, exibido na Première Brasil e na Mostra de São Paulo, e lançou uma minissérie na HBO MAX, "Máscaras de Oxigênio (Não) Caírao Automaticamente".

A produção que leva ao Canal Brasil é apoiada numa reflexão contra a intolerância e no talento de Kika Sena, que encarna sua protagonista. Arte-educadora, diretora teatral, atriz, poeta e performer, Kika vive Paloma, uma mulher trans que trabalha como agricultora, colhendo mamões. Seu maior sonho é se casar na igreja, com seu namorado Zé (Ridson Reis). Eles já vivem jun-



'Paloma', o melhor filme do Festival do Rio de 2022, ganha exibição nesta segunda

Divulgação



Na TV aberta, a pedida cinéfila desta segunda está na Tela Quente da Globo, que exhibe o irônico "Ficção Americana" (2023), com direção do estreante Cord Jefferson

tos, e criam uma filha de 7 anos chamada Jenifer (Anita de Souza Macedo). O padre, porém, recusa seu pedido para deixá-la subir ao altar vestida de noiva. Só que Paloma não vai desistir de realizar seu sonho.

"Esse é um filme romântico sobre alguém em uma jornada de autoafirmação", disse Gomes ao Correio da Manhã, na época que tirou "Paloma" do forno. "Nossa personagem tem uma personalidade dócil e uma enorme força

de trabalho. Em uma sociedade capitalista e que funciona de uma forma binária, o corpo de Paloma é útil para a produção de riqueza, no trabalho diário na fazenda de mamões. Agora, no momento da construção de uma subjetividade, Paloma não está nos conformes da sociedade. Hábil para trabalhar, mas inapta para sonhar. Essa é a discussão que o filme traz. Filmamos em pleno processo de eleição, em 2018. Era um Brasil prestes a escolher um novo presidente. De lá para cá, esse país se mostrou mais intransigente e violento com os direitos das minorias, se observar a maior quantidade de casos de violência contra a população LGBTQIAPN+. Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, a ANTRA, foram 175 casos em 2020 - 41 % a mais do que o ano anterior. Os casos só aumentam de ano a ano. A sociedade brasileira cada dia segrega mais. Somos, infelizmente, uma sociedade que se recusa a aceitar o outro com suas diferenças".

Na TV aberta, a pedida cinéfila desta segunda está na "Tela Quente" da Globo, que vai exibir o irônico "Ficção Americana" (2023) depois da novela das 21h. A direção do cineasta estreante Cord Jefferson (um prolífico roteirista de séries de TV e streaming) se deleita no timbre satírico do romance "Erasure", de Percival Everett. Indicado a cinco Oscars, essa ácida comédia de tintas políticas ganhou o prêmio de júri popular do Festival de Toronto, uma láurea que define futuros sucessos. Inédito em nossas salas de projeção, a produção traz Jeffrey Wright (dublado aqui por Duda Ribeiro) no papel do misantrópico Thelonious Ellison, professor de Literatura e escritor de pouca notoriedade. O boom de romances sobre causas raciais e pautas identitárias fazem com que ele escreva um livro ferocíssimo, fingindo ser um ex-presidiário que investe num relato de autoficção. O êxito de sua fake novel tira sua paz no momento em que ele reconfigura sua vida afetiva. É um aríete antirracista.

Lô, o cavaleiro ma(rg)(t)inal

Da janela lateral do trem azul, você viu cores mórbidas e homens sórdidos, viu, quem sabe, pela janela lateral do vagão imaginário, som renovador, o Trenzinho de Villa-Lobos.

Viu o Trem das Cores, cartanando, o azul mareante da cor dos vestidos, que faziam tremer, com os sussurros de pé de ouvido, as meninas do Sacré Coeur.

Dançou, ao som dos Beatles, na esquina lateral da Paraisópolis com Divinópolis, porque gostava de dançar 'bom-dia' por mais uns dias.

Era mais mais que divinal no paraíso de Santa. Girassol, gira-mundo, gira-gira, roda-gigante, e agora José; para onde foi?

O sol, ah o sol de um ser solar, verde vento com tês da manhã, verde vento com sol de primavera, às vezes lacrimogêneo, outras cristalinos, seus sonhos jamais envelhecerão. Calmo, calma, alma, palma...

Você foi sol e chuva com tudo que sonhou, Zapata sem medo e seu anel anel no dedo, sua bota encantada, rainha de raio epahey, estrela cadente, cantante, contente, cantor. Olhos abertos pra outra emoção da cor dos teus cabelos.

Hoje é vento solar em Aruanda, no Orum conectado com Ayê e poetizando: "Se eu não cantar não chore não, é só poesia".

Vai Lô, vai ser gauche no infinito, anjo aprumado drumoniano nas esquinas do universo celestial e o sol na cabeça, sem olhar para trás, viagem de ventania.

"...Se eu morrer, não chore não / É só a lua / É seu vestido cor de maravilha nua / Ainda moro nesta mesma rua / Como vai você? / Você vem? / Ou será que é tarde demais?..." (LÔ BORGES)

